

06ERΦ179



STING QUER APITO

**O POPSTAR INGLÊS ESCREVE SOBRE SUA PEREGRINAÇÃO
pelo Xingu, narra a viagem a Altamira e reafirma a
defesa de um novo parque indígena na Amazônia**

Pode parecer óbvio, mas a imagem do “bom selvagem” só pode surgir dentro da civilização. Não é à toa que ela venha acompanhada do conceito de “contrato social”, se contrapondo a ele, a uma sociedade civilizada e que funciona como tal. Não é à toa que os movimentos ecológicos tenham surgido em países desenvolvidos da Europa, quando os problemas sociais já tinham sido minimizados, nem que o texto a seguir, publicado no “El País”, tenha sido escrito por Sting, durante a viagem que fez em fevereiro à Amazônia. “A Europa tem uma certa culpa em relação ao problema indígena e a atitude de Sting é simbólica em relação a isso”, diz Cláudia Andujar, fotógrafa e coordenadora da Comissão pela Criação do Parque Yanomani.

Não se trata de colocar em jogo a causa dos direitos indígenas —em especial a demarcação de terras—, nem a eficácia de ações filantrópicas. O tratamento dado aos índios no Brasil exprime apenas a barbárie já conhecida dessa sociedade e o que soa estranho é o tom singelo do texto do astro do rock no meio disso tudo. “Ele não é um idiota”, insiste a antropóloga e linguista Bruna Franchetto, que trabalha na região do Xingu há 14 anos. “Sting é de um extremo bom-senso e se comunica de forma respeitosa com o caiapó.” Pode ser, e pode ser também que sua ação obtenha grandes resultados

ao divulgar as reivindicações indígenas pelo mundo, mas seu texto continua sendo de uma ingenuidade constrangedora.

Como é possível, a esta altura dos acontecimentos, no meio de uma verdadeira guerra não-declarada, chamar uma floresta tropical de “jardim do Éden” e “conto de fadas” ou comparar uma aldeia do alto Xingu à “aldeia idílica de Asterix”? Pior: levar sua compaixão pelos índios a ponto de ter piedade de seus costumes: “Os homens usam pranchas de madeira na boca, entre o queixo e seu dolorosamente esticado lábio inferior”.

Sting provavelmente conseguirá o dinheiro para a criação de um grande parque nacional indígena, o que é louvável. Sua visão, entretanto, é paradigmática do clichê que o europeu alimenta em relação ao “mundo selvagem”, essa “matriz do planeta”. Tendo chegado a um relativo apuro de organização social e respeito aos direitos dos cidadãos, a cultura vê a natureza em apuros e se engaja em salvá-la (ou o que resta). Alimentado por um desejo ingênuo, esse comportamento tem ao menos a vantagem de poder se manifestar e, quem sabe, contribuir numa intervenção real e premente. Se aqui, dentro da barbárie, não conhecemos, na prática, nem o conceito de “contrato social”, como é que poderíamos nos dar ao luxo de pensar no “bom selvagem”?

STING

Enquanto escrevo estas linhas, a bordo de nosso pequeno avião, o rádio nos diz que o nosso segundo avião, com a equipe de filmagem, fez um pouso forçado na selva. É a partir daí que me dou conta de que o sonho da Amazônia pode se converter em um pesadelo.

Já se passou mais de um ano desde a minha última visita à Amazônia, quando, sentado em uma clareira da selva, Raoni, o chefe caiapó, pintava na areia um mapa rudimentar do rio Xingu e assinalava três reservas indígenas. Raoni falou de seu sonho em uni-las à imensa e inexplorada região do parque nacional protegido. Estava pedindo minha ajuda, como personagem público, e a de Jean-Pierre Dutilleux, cineasta e ativista indígena, para conseguir realizar seu sonho.

De Brasília, duas horas de voo em um pequeno avião nos colocaram na incrível beleza da selva, selvagem, incontrolável e misteriosa, a obscura matriz da Terra. Em seguida, a geometria obscena e estéril das zonas desmatadas. Grandes retângulos de violações improdutivas, onde algumas cabeças de gado pastam entre troncos mortos em clareiras do tamanho do Central Park de Nova York.

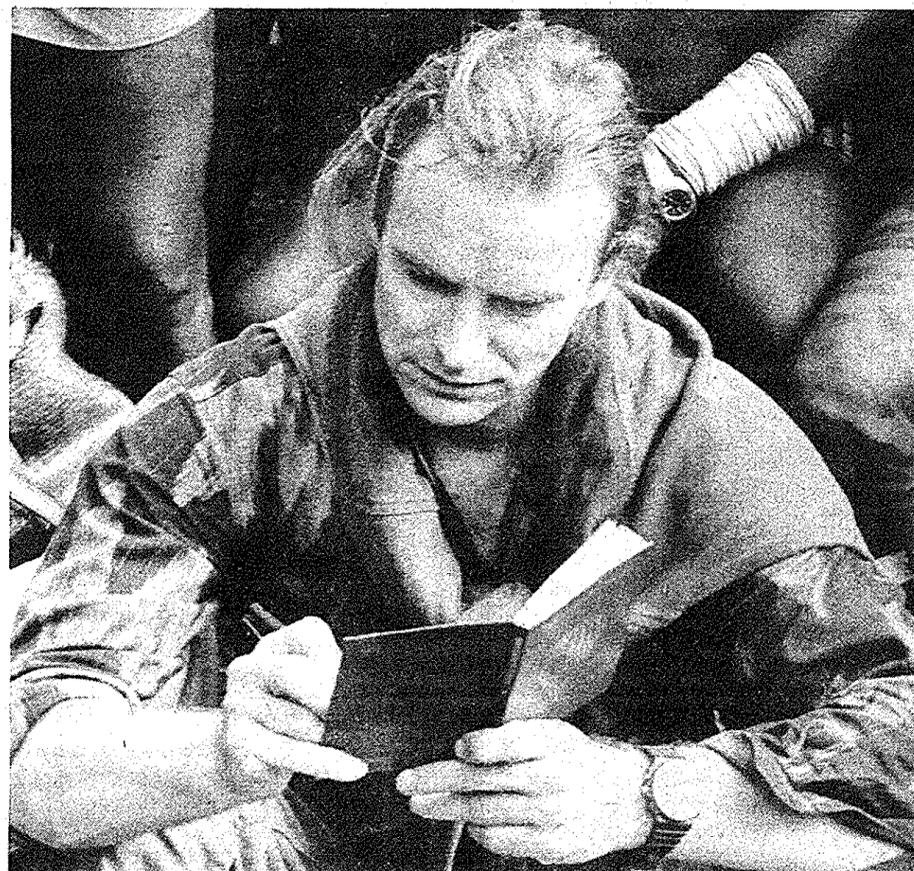
Comemos algo em uma cidade do oeste chamada Bang-Bang e chegamos ao posto fronteiriço, onde nos espera Raoni. Estou muito contente por estar aqui novamente. Raoni nos cumprimenta afetuosamente, em especial a Corvo Vermelho, chefe dos Sioux de Dakota e embaixador do Conselho Internacional de Tratados Indígenas, que não via há três anos e que nos acompanha em nossa aventura.

Ao amanhecer, acordamos para nos lavar no rio. Cada centímetro quadrado do bosque está vivo, e quanto mais olhamos mais vida vemos. Tudo se move, tudo respira. Estamos todos um pouco surpresos.

Vamos voar com Raoni para Altamira, onde se realiza uma manifestação de protesto contra a construção de uma barragem. Milhares de hectares serão inundados pelas águas para proporcionar energia elétrica. Os índios se opõem à construção.

Antes disso, nos dirigimos a um povoado que teve muito pouco contato com o mundo exterior e que talvez seja a nossa experiência mais autêntica até agora. Seguimos o rio como se se tratasse de uma linha misteriosamente ondulante de um sonho.

'um gulliver na



O branco Sting toma notas ao lado do índio Raoni, durante a viagem que fez pela Amazônia ...

Estamos voando sobre um outro planeta, uma paisagem de fábula em prata e verde. Avistar um povoado indígena, do céu, é ficar sem fôlego, como viajantes de outro século. Parece a aldeia idílica de Asterix descansando à margem de um rio rodeado pela parede de um bosque. Aterrissamos e desligamos os motores. O silêncio nos impressiona e vemos os índios quietos e calados, nos olhando.

As tribos são um espetáculo surpreendente, seus corpos nus pintados de negro. Os homens usam pranchas de madeira na boca, entre o queixo e seu dolorosamente esticado lábio inferior. Seus pênis estão bem presos sob cones de palha. Alguns seguram velhas armas; outros, bastões e lanças. Raoni os saúda primeiro e assegura a eles que somos amigos e que não desejamos lhes causar nenhum mal. As mulheres têm a parte superior da cabeça enfeitada, com uma estranha maquiagem

negra no rosto. É o ponto de encontro de duas culturas completamente diferentes. São as pessoas mais orgulhosas que eu já conheci, orgulhosas e ameaçadoras. Fico contente em poder dizer que pelo menos as crianças sentem medo de nós; devemos parecer a eles algo perigosos, mas os guerreiros não mostram tais dúvidas. O chefe chega para nos saudar, um ancião com um cocar de plumas de águia branca na cabeça que o distingue do resto da tribo. Mostramos um mapa e Raoni explica o que esperamos conseguir com nosso parque.

Os índios têm uma maneira de olhar que parece nos abrir de alto a baixo. Seria difícil mentir para esta gente. Algumas das crianças estão se tornando mais valentes, nos tocam e saem correndo. Sento-me no chão e começo a escrever em meu diário. Sou rodeado por um grupo de crianças. O

terra de lilliput'



... quando, mais uma vez, associou-se às nações do Xingu para reivindicar a demarcação de terras

círculo se faz mais fechado à medida que me absorvo em meu escrito. Estão a apenas alguns metros de distância. Como o rabo do olho posso ver como vão me cercando. De repente, bocejo; elas gritam e saem correndo.

Rio comigo mesmo, sentindo-me como Gulliver na terra de Lilliput. Agora as crianças sorriem e se aproximam. Pinto um rosto sorridente no livro e o mostro, estendendo um lápis para a criança mais próxima. Ela copia o rosto. Em seguida, desenho um rosto triste, a criança o copia. Ensino a ela um truque com as mãos, fazendo com que meu polegar se afaste magicamente de minha mão. As crianças gritam de alegria. Agora estamos bem. Peço a elas que me levem ao rio. Correm pelo mato, nuas e formosas. Isto é realmente o jardim do Éden.

A viagem até Altamira é terrivelmente dura e todos ficamos com dor de cabeça de tanto golpear o

teto do avião. Meus dedos estão brancos, porque me agarro ao assento. Raoni não tem medo, está olhando as fotos da "National Geographic". Sob nós, o rio Xingu vai se alargando, preparando-se para seu encontro com o poderoso Amazonas.

Nunca vi um conjunto tão impressionante de guerreiros, mas se há mil índios deve haver pelo menos outros tantos jornalistas. Raoni é recebido por seu sobrinho Paiacá, o porta-voz mais eloquente dos caiapós, detido no ano passado por falar contra as barreiras diante do Banco Mundial. Raoni tem o porte de um grande chefe: o é efetivamente. Pega a minha mão para me proteger da grande massa que vai se formando.

Somos levados para um círculo: de um lado, guerreiros sombrios e ferozmente silenciosos, sentados em repouso; de outro, uma multidão vergonhosa de jornalistas gritando e empurrando,

infelizes embaixadores de nossa cultura. Os índios não estão nem assustados nem contentes, eles são bastantes espertos para saber que, mesmo de forma caótica e confusa, a imprensa pode ajudá-los enquanto eles mantêm sua dignidade tranquila e pitoresca... mesmo que no dia anterior uma mulher índia tenha agitado um facão na frente do rosto do chefe da companhia elétrica.

No dia seguinte, saímos de Altamira e voamos para uma pequena cidade no coração da região boiadeira do Brasil. Os boiadeiros locais enviam uma delegação para nos apresentar seu caso. Não querem ser considerados como os vilões da história. O desmatamento também cria problemas para eles. Perguntamos se seria possível visitar algumas propriedades. Podemos tomar emprestados alguns pares de cavalos para dar uma volta pela propriedade? Os boiadeiros riem dissimuladamente, mas o capataz de uma fazenda próxima nos permite dar uma volta por sua propriedade e fazer algumas perguntas.

Quando chegamos, na manhã seguinte, compreendemos os risos dos boiadeiros. A propriedade é do tamanho de Los Angeles; é preciso dois acres e meio de terras para alimentar uma cabeça de gado, mas muito menos para alimentar um ser humano. A qualidade dos prados diminui a cada ano, e por isso é necessário um maior desflorestamento. São abertas clareiras com correntes e máquinas, deixando faixas de cinco milhas [cerca de 8 km] de selva entre as zonas de campo devastado. Agem desta maneira porque sabem que sem nenhuma árvore desperdiçariam a valiosa água da chuva. Além disso, a cortina de bosque atua como barreira contra o vento e constitui uma proteção contra as doenças. Sabem que a mata é a sua proteção, e, no entanto, são obrigados a destruí-la.

Selamos os cavalos e partimos para dar uma olhada. Ontem, éramos índios; hoje somos vaqueiros. Rapidamente chegamos à casa de um dos trabalhadores da fazenda, em um bloco de cimento sem portas. Vemos crianças com corpos cobertos por feridas e picadas ao redor das quais voam livremente as moscas. Não há sorrisos, mas um olhar morto em seus olhos, que contrasta tristemente com a alegre espontaneidade das crianças da selva.

No dia seguinte, empreendemos o caminho até o povoado de Raoni, em barco, pelo rio Xingu.

Temos uma canoa de aço de 20 pés com dois potentes motores. Eu queria fazer uma viagem pelo rio desde que chegamos aqui. Sento-me na proa embaixo de um guarda-sol vermelho. Atrás de mim estão Dutilleux e Corvo Vermelho sob guarda-sóis amarelos. Estamos viajando com a corrente do rio. Navegamos sobre um arco-íris. O rio à nossa frente é um salão de baile de cristal feito de céu e nuvens. A selva desponta majestosa. Os grandes rios da Europa e da América do Norte seguramente foram semelhantes a este há cem anos. Novamente me sinto como um viajante no tempo. Quando o sol começa a se pôr, o céu se converte em fogo e todos permanecem em silêncio enquanto nossas sombras correm como obscuros deuses pela superfície. Nuvens de tempestade se formam sobre nós até alturas impossíveis, vermelhas e furiosas, e em meio ao barulho das máquinas começo a cantar.

Antes do cair da noite, observamos uma grande agitação nas águas da margem oposta. À medida que nos aproximamos, forçando o olhar, vemos que todas as crianças e os jovens do povoado estão no rio, pulando e se jogando na água com alegria. Deve haver cem crianças nuas. Este é o povoado de

Raoni e todas as crianças estão profusamente pintadas, algumas com a cabeça raspada e os rostos pintados de negro. São crianças formosas. Amarramos a lancha, as crianças nos acompanham pelo caminho de mato até o povoado. Somos rodeados por milhares de vagalumes que dão uma mágica atmosfera de conto de fadas. Algumas das crianças seguram estas pequenas criaturas em suas mãos. Estamos no país das fadas e as crianças começam a cantar. Esta acolhida é tão bela que é difícil não chorar, somos despertados por uma emoção vinda de algum lugar muito profundo, nossa inocência perdida, os sonhos de nossa infância, uma perfeição de conto de fadas que é real, mas tão frágil, que deve ser protegida.

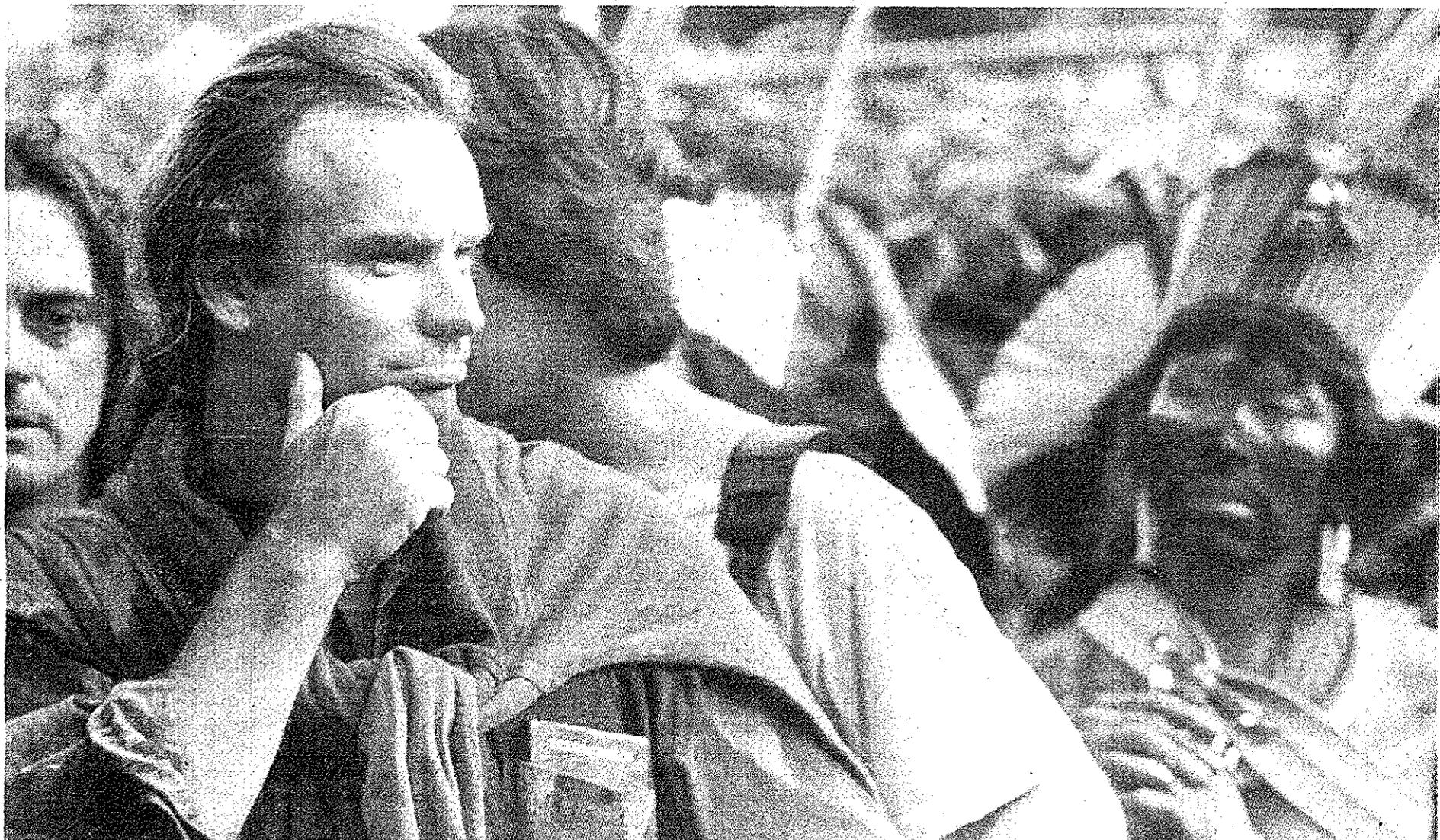
Agora a tempestade começou. O céu é uma rede de relâmpagos e os trovões se sucedem de forma interminável. Instalamos nossas camas de campanha quando começa a chover. Muito cansados para comer, caímos no sono.

Já é dia e o galo canta. Depois de procurar a pasta de dente e um pente em minha bolsa, entre algumas batatas, vou ao rio. Uma mãe está lavando seu bebê. Quando se está unido ao rio de uma

forma tão vital, somos em última instância responsáveis por ele. Há muito tempo que estou convencido de que, aqui, os índios conhecem melhor do que nós a existência. Sabem de onde tudo em sua vida provém; nós, não. Eu nem mesmo sei de onde vieram meus sapatos.

Depois de comer, voltamos ao povoado para ver a dança tribal dos guerreiros e as jovens. As mulheres estão nuas, usam apenas um colar de contas azuis ao redor dos ombros, e os homens, com seus cocares de plumas, carregam suas armas de guerras. É uma celebração de toda a comunidade, um ritual que une jovens e velhos, homens e mulheres, ao redor de ritmos e melodias primitivas que passaram de geração em geração. Esta continuidade é vital para a sobrevivência desta gente, uma consanguinidade que dá a cada um da tribo a sensação de segurança e de ter o seu lugar.

Os índios acham muito divertido pintar o homem branco com seus desenhos cerimoniais; o problema é que a tinta só sai depois de um mês. Mas não aceitam negativas. A dança terminou e todo o povoado se dirige ao rio. Ele se converte em um frenesi de corpos que salpicam e riem. O sol se põe



Sting durante o protesto em Altamira, no meio da selva e cercado de índios por todos os lados: "Nunca vi um conjunto tão impressionante de guerreiros"



Manifestação dos índios calapós, no dia 23 de fevereiro, em Altamira (Pará), contra a construção da barragem de Monte Belo, antes chamada de Cararaó

depois de outro dia maravilhoso, mas à noite é preciso ter uma boa razão para dormir na selva na estação das chuvas. Pode parecer um paraíso durante o dia, mas de noite é um paraíso para os insetos.

Sonho que estou em um pequeno avião. O piloto está voando sob cabos de alta tensão, de lado, por vias estreitas. Não parece que conseguiremos ganhar altura. Acordo febril e o solo está cheio de baratas. Na manhã seguinte, inspecionamos os danos. Tenho cem picadas somente em um perna e as costas perfuradas como a superfície da Lua. Esta noite, ninguém escapou dos insetos. Tenho a sensação de que já pagamos a dívida para com a selva. Nos dirigimos para inspecionar a pista de aterrissagem com a esperança de que a forte chuva não tenha causado danos consideráveis. Aterrissar não será problema, mas decolar é arriscado pois o barro pegajoso pode entorpecer a aceleração.

Enquanto a bruma da manhã vai se dissipando, esperamos pacientemente sentados sobre nossas bolsas. Parecemos uma galeria de sujos resíduos da selva com nossas roupas repletas de barro, as mãos

e rostos cheios de picadas e o cabelo emaranhado. Começo a rir de Dutilleux. Ele me devolve a gozação. Estamos todos rindo agora. Os índios também riem, embora não entendam qual é a graça e logo ficam quietos olhando para o sul. Passam-se alguns segundos antes que eu me dê conta de que ouviram o ruído dos aviões antes de nós. É uma revelação desconcertante. Volto-me para Dutilleux e ele me sorri. A selva deu a eles um ouvido, uma visão e um olfato mais sensíveis. Sua necessidade de sobreviver os converteu em uma espécie de super-homens sensitivos. Tenho que me perguntar por quanto tempo eu duraria, sozinho, na selva.

Nossos aviões sobrevoam a pista de aterrissagem. Fazem várias tentativas e estamos um pouco pessimistas, mas pousam dando saltos como iô-iôs. Decolamos e damos adeus ao povoado de Raoni.

Enquanto voamos em direção ao sul, vemos grandes massas de nuvens negras de tempestade. Não há escapatória. Nosso pequeno avião entra na parede maciça de nuvens. A visibilidade é nula e o ruído da chuva no parabrisas é ensurdecedor. Parece que estamos voando debaixo d'água.

Dou-me conta de que a Amazônia é um grande motor. As nuvens de tempestade são seus gigantescos pistões e de alguma maneira ficamos presos em um dos cilindros. A selva poderia nos destruir a qualquer momento. Nosso valente avião segue se debatendo com as hélices dispostas a se sustentar dentro da turbulência. Nossos olhos se esforçam para divisar a selva sob nós; temos de sair disto rapidamente.

Depois de uma angustiada eternidade, o sol abre caminho entre as nuvens, a selva volta a aparecer e o piloto solta um grande suspiro. Eu volto a escrever. Tudo está calmo e logo chega a notícia no rádio de que nosso segundo avião teve de fazer uma aterrissagem forçada. Depois do que acabamos de passar, quase não podem os suportar a impressão.

Seja o que for que nos levou a fazer esta viagem, parece que conseguimos. Fizemos muitos amigos, alguns inimigos; desde o início nos transformamos em notícia. E o mais importante, acreditamos ter o apoio dos brasileiros. No Rio e em Brasília, a reação foi unânime. Agora depende do mundo. ●